

Nós, os clichês, os potes – Cartografias de uma pesquisa

Juliana de Favere – UDESC - julifavere@gmail.com
Kathy Fabiana Scharf Maiochi – UDESC - kathyfabiana@gmail.com

Resumo

Quando se pensa em um tema de pesquisa, inevitavelmente nos vem à mente investigações já realizadas e autores já lidos sobre o assunto e quiçá até uma opinião que já está formada em nós. Em uma pesquisa cartográfica é necessário aproximar-se destas investigações e conhecer seus clichês, para depois ‘limpá-los’ a partir do que já está escrito-falado-internalizado sobre o que se pretende pesquisar. Este relato é uma tentativa de construção de pesquisa pelas pistas da cartografia com objetivo de cartografar os clichês e os movimentos micropolíticos pelas tentativas de construir vazios e aberturas para um começo de pesquisa. Assim o caminho intentou limpar os clichês, em que há sempre tentativas e nunca certezas. Segue-se um processo que não é fácil, mas necessário para que o movimento aconteça e permita que o começo seja construído e que venha o que tiver que vir. Buscamos refletir com alguns autores como Sueli Ronilk, Ksatrup, Barros e Deleuze e mostrar o movimento que fizemos para limpeza de clichês. Situamos aqui o que foi possível aparecer e nos movimentar para novos pensamentos e percepções sobre nossas escritas e a forma como devemos iniciar.

Palavras-chave: Clichês. Pesquisa. Cartografia.

Caminhos, trajetos, cartografias, primeiros passos

A ideia de iniciar uma pesquisa é geralmente percebida como algo desafiador e inovador. Mas em que medida se desafia ou se inova? Quando se pensa em um tema de pesquisa, inevitavelmente nos vem à mente investigações já realizadas e autores já lidos sobre o assunto e quiçá até uma opinião que já está formada em nós. Em uma pesquisa cartográfica é necessário conhecer os clichês para depois ‘limpá-los’ a partir do que já está escrito-falado-internalizado sobre o que se pretende pesquisar.

É neste sentido, que este relato busca construir uma pesquisa pelas pistas da cartografia com objetivo de cartografar os clichês e dos movimentos micropolíticos e da desconstrução de vazios e aberturas e assim limpar clichês, em que há sempre tentativas e nunca certezas.

Em uma busca no dicionário encontra-se a definição de clichê, como “Chapa fotográfica negativa; Lugar comum; chavão.”

No caminho da definição do dicionário, Deleuze em suas obras indica o clichê como forma de repetição. Em suas palavras, Deleuze (1981, p.45) escreve que, a respeito do pintor, que ele “nunca estou diante de uma tela em branco, sendo que tenho ao meu redor imagens, tenho imagens em minha cabeça, tudo isso está na minha tela, seja de forma real ou virtual.” Há, assim, uma série de imagens que ele chama de clichê e que já ocupam o papel; mesmo que fisicamente não se veja nada sobre o papel, os clichês estão ali, ocupam a tela. A tela e o papel são entendidos aqui como a construção de uma pesquisa acadêmica. Eles ocupam os discursos e também a mente antes de iniciar uma escrita, antes mesmo de iniciar reflexões sobre o que se deseja escrever.

Este relato é uma construção de pesquisa pela via da cartografia que segue nas tentativas de limpar os clichês. O processo considera que há sempre tentativas e nunca certezas, num processo que não é fácil, mas necessário para que o movimento aconteça e permita que o começo seja construído e que venha o que tiver que vir.

O começo foi possível nas aulas da disciplina de Cartografias Intensivas em Educação¹ com a professora Ana Maria H. Preve. Durante as aulas estudamos e conversamos sobre nossos temas de pesquisa e sobre as possibilidades de neles encontrar os clichês, e com isso perceber o refrão que cada uma destas temáticas aciona e que passamos a repetir; é dizer, conhecer os clichês para assim ‘limpar a tela’ que não está e branco de nossos trabalhos.

A cartografia neste trabalho é entendida como uma forma de acompanhar processos singulares. Para Kastrup e Barros (2009, p. 76) “A cartografia é um procedimento *ah hoc*, a ser construído caso a caso [...]” Assim, dizemos que a cartografia não é algo que se aplica, mas que se pratica.

Quais movimentos são necessários para que uma pesquisa cartográfica aconteça e para ter força de deslocamento em uma pesquisa? O cartógrafo não tem como objetivo explicar ou revelar algo a alguém (RONILK, 2016). Assim, não se pretende revelar uma forma de pesquisa, ou explicar um método ou metodologia, mas ativar uma experimentação acerca das necessidades de pensar e observar o ‘refrão’ a que estes clichês ativam antes de iniciar uma pesquisa e poder atuar com a força de deslocamento.

Buscando pelos clichês

Começamos nossas cartografias, nossos trabalhos, nossos pensamentos refletindo sobre uma forma de expressar o que estamos pesquisando. Nossos pensamentos e escritas passavam a ser cartografados.

Algumas perguntas surgiram e nos movimentaram em direção a novas escritas. Inicialmente é preciso conhecer os clichês para depois limpá-los e deixar que eles fiquem para trás, que abram espaço para a construção da pesquisa. Este primeiro registro cartográfico vem para identificar o clichê da pesquisa, ter um panorama do que vamos pesquisar. Explorar o que se repete até que isso vire refrão.

A busca pelos clichês iniciou com uma investigação utilizando a ferramenta google onde buscamos saber quais eram os clichês da nossa pesquisa, quer dizer, o que se repetia com nossos temas. Digitamos então a frase “o que pode uma criança em uma instituição de acolhimento” e os clichês começaram a aparecer. Para materializa-los e representá-los montamos um painel com folhas de revista ao fundo com as imagens e as palavras encontradas no google. Com este painel montado foi possível dedicarmos um tempo para observar cada uma das imagens e pensar no que temos a nossa frente.

Os clichês preencheram o painel, recobrem o mundo, a partir de discursos legitimados, de pesquisas já realizadas. Os clichês ocuparam nossa pesquisa, estavam em nossas cabeças como nos diz Deleuze e foram materializados em nosso papel.

Imagens com crianças tristes, desejosas de família, palavras de necessidade de preenchimento são colocadas em nosso painel e ganham forma para que possamos pensar nelas.

¹ Disciplina eletiva ministrada no PPGE/FAED/UDESC oferecida no semestre 2017/01.

Em sala de aula algumas reflexões surgiram nas discussões do grupo a partir da construção dos trabalhos como a necessidade de distanciar-nos desses clichês e que o vazio precisava surgir. Uma linha de fuga precisa ser produzida aí para escapar ao dado. Se não há vazio nada acontece, não há espaço para a criação e para o novo. Hora de problematizar, olhar e buscar sair dessa confusão de clichês e de ideias prontas.

Como buscar e abrir espaços para o vazio? Nos referimos ao vazio de comunicação. Diante de nossa representação os clichês ocuparam e dificultaram a percepção por onde podemos criar brechas e escapar dos clichês.



Foto 1 – Pannel da primeira pesquisa de clichês – Arquivo das autoras

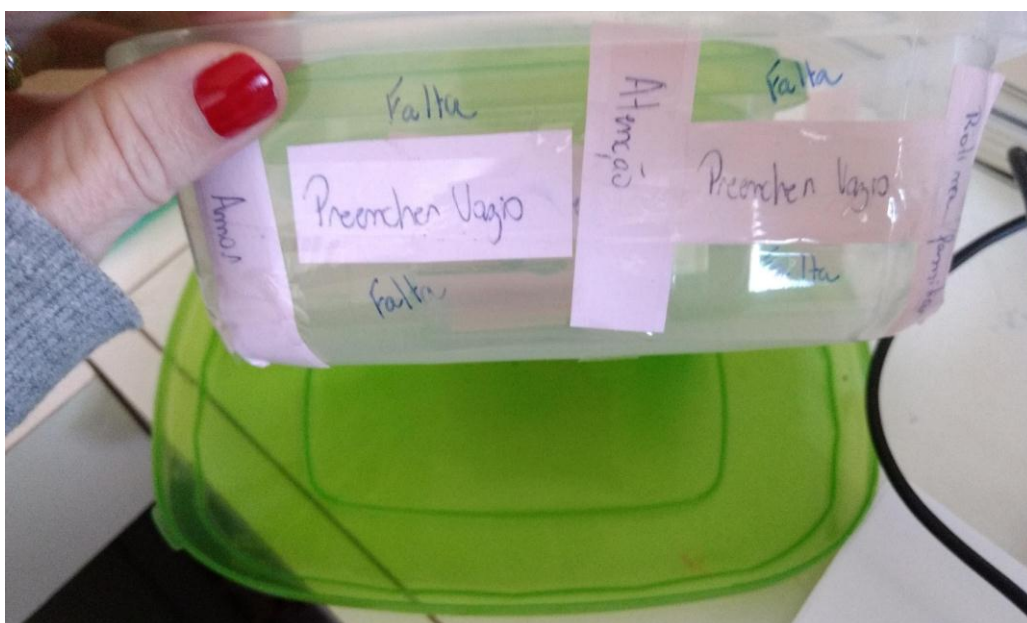
Diante do que se encontrou, buscamos criar um movimento de deslocamento pela cartografia para abrir e possibilitar um duplo movimento que não se opõe ou nega um caminho para estar em outro, pois segundo Alvarez e Passos (2009, p. 131) “o método da cartografia não opõe teoria e prática, pesquisa e intervenção, produção de conhecimento e produção da realidade.” Assim, seguimos na construção e desconstrução dos clichês, produzindo a realidade e percebendo o que está além do que é dito, do percebido e do conhecido.

Continuando os registros, mudando os pensamentos

Novas reflexões foram gerando a necessidade de ganhar outra forma, ou melhor, sair da forma papel-plano, foi momento de transformar. O que era um grande cartaz vira uma sequência de potes para representar os clichês. As palavras, que surgiram como clichês foram escritas e coladas na parte externa dos potes.



Foto 2 – potes um dentro do outro – arquivo das autoras



Fotos 3 – Clichês por fora – arquivo das autoras

Em todos os potes haviam clichês, ainda permaneciam em uma forma. Muita fita adesiva foi usada para garantir a fixação dos clichês nos potes. Dentro de cada um dos potes colocamos os clichês. As palavras encontradas na pesquisa foram escritas em pequenos papeis e aos poucos fomos colando nos potes, até que eles estivessem preenchidos. Enquanto trabalhamos e materializamos nossas ideias percebemos os potes, os clichês, mas também a transparência que permite que tudo passe e tudo transpasse. Com a transparência, trouxemos a ideia de que em alguns momentos, os clichês podiam possibilitar e criar brechas para um espaço, um vazio; a transparência permitiu que

houvesse atravessamentos por eles, passando dentro deles, entre eles. As tampas abertas mostram que estamos nos preparando para ouvir e deixar que algo aconteça no vazio. O vazio é a nossa chance de que algo inesperado aconteça.

Observamos os potes, os clichês por fora dele e constatamos que estávamos com dificuldades de nos livrar dos clichês. Seria muito mais cômodo seguir o que já estava aparecendo. Por alguns minutos olhamos a quantidade de fita que tinha sido passado ao redor dos potes para que os clichês ficassem ali, bem presos, mas mesmo em grande quantidade, com o passar dos dias, o calor, elas foram soltando, os clichês começam a cair. Desejamos sim, que eles saíssem que não ficassem na ‘tela’, na pesquisa. Como escreve Sueli Ronilk (1998) em seu texto *Corpo vibrátil*, quando seguimos as tendências evitam-se críticas e conflitos. Assim entendemos que seria se seguissemos os clichês, não seria possível deixar que os movimentos deslocassem-se e distanciassem-se dos clichês.

O pote ficou por dias no terreno de uma casa, para que ali entrasse o que era para entrar, não o que desejávamos, mas o que tinha que entrar... E então entrou.

Hora de deixar vir, deixar aparecer...

Não queremos as tampas! Não queremos as marcas. Deixar para trás o que está dito, o que está escrito, o que marca nossas folhas e nossas escritas.

Os clichês começam a sair, continuamos a cartografar!

Com a tampa aberta o pote ficou alguns dias em um jardim, entregue, esperando. O que aconteceu enquanto estava ali? A chuva entrou e o calor a evaporou. Interessante observar que o tempo que o pote esteve ali pode receber tudo que lhe aconteceu|



Foto 4 – O pote, no jardim, sem tampa – arquivo das autoras



Foto 5 – os dias passam. Arquivo das autoras

Os movimentos, muitas vezes, acontecem sem que haja controle. Como no pote, ele se limpou, aceitou suas modificações e se transformou. No tempo, se modifica, no tempo, se aceita o tempo e suas mudanças. A abertura sem proteção, sem controle do que irá acontecer permitiu o movimento.

O pote quando está dentro da casa, está em segurança, ainda tem algo que o protege, está aberto, no tempo, mas em um ambiente teoricamente seguro. Hora de mudar, para se abrir, para entrar e sair precisa ir além das aberturas, precisa estar vulnerável, exposto ao mundo.

Deixamo-nos ir e o pote retorna ao jardim para à rua; sem saber o que irá acontecer deixamos ele ali, exposto.



Foto 6 - Pote exposto ao mundo sem sistema de segurança – arquivo das autoras

A noite chegou, a chuva, o frio, ele permaneceu ali, aberto

A chuva molha e o pote se deixa molhar, sentamos ao lado dele e ali os deixamos. Talvez ele esteja mais preparado, parece não se importar, como suas pesquisadoras, é frio, insensível, não se modifica. A água entra e fica. Está frio, a água passa, trememos. As pessoas passam e olham para nós, mas com o pote não se importam. Quem é pote? Quantos somos pote? Quantos estão pote? Quantos estão forma-papel e deixamos de ser vistos em meio a uma quantidade enorme de discursos e clichês que preenchem a vida e não deixam espaço vazio para o novo entrar. Somos potes, somos um painel de papel, somos os clichês e os preenchimentos que deixaram em nós. Sem vazios...

Os dias seguem e o pote permanece ali, pouco se descolocou extensivamente, mas neste período vimos as mudanças internas e externas: o vento, a chuva, o sol. Se molha, se seca e se mantém firme, aceita o que está ali. Precisamos aceitar também.

O pote está ali, parado, mas, para nossa surpresa depois de alguns dias ele não está mais. No seu lugar um vazio, a falta, dificuldade de lidar com a perda. Mexeram, tiraram do lugar. O que querem com o pote? Hora de refletir sobre nossa caminhada até aqui.

Este texto apresenta o trajeto cartográfico do início de uma pesquisa. Perdemos o controle, não fomos nós que decidimos o caminho, alguém o fez. Alguns trechos atrás falamos que estávamos prontas, que era hora de deixar ir, mas agora o apego. Apego ao que está dito, ao que está pronto, ao confortável a segurança. Ele se foi, alguém levou. Agora vamos começar. Hora de ouvir, de falar, a tela limpou e por aqui nada ficou. Nada mais forte do que ver o que não está, algumas linhas de fuga, escapes foram possíveis, ele se foi, precisou ir. E agora é hora de começar. Nós fomos...

O começo

Iniciamos nossa escrita no exercício da disciplina tendo a sensação de já saber o que queríamos o que esperávamos de resultado em nossas pesquisas. Ledo engano, pois começamos já com todos os clichês em nossas cabeças, em nossas folhas, em nossa tela. Nossa escrita estava marcada com o que já conhecíamos, com o que já havíamos lido sobre o tema. Conforme a escrita foi aparecendo, as leituras, as reflexões, as cartografias indicaram a necessidade de limpar a tela, esvaziar a folha num processo que segue um caminho que desejamos percorrer dentro de nossa pesquisa. Como nos diz Ronilk (2016,) todos nós estamos sempre passando pelas mais diferentes micropolíticas e, assim, estas micropolíticas sempre mudam nossa maneira de pensar, agir, perceber algo.

A pesquisa parte dos clichês, se altera e agora se busca um movimento de distanciamento dos clichês, sair do que já está pronto, percebendo as dificuldades de sair do conforto, do que já foi dito. Precisava sair da zona de conforto, experimentar, limpar, deixar ir. A sensação é estranha, parece algo não habitual, uma força em que é necessário abrir mão de algo que já está posto e depois ir atrás de algo que precisa ser dito, reescrito. Do que não sabemos sobre o que pensamos como tema de pesquisa.

Não é fácil escrever algo novo, que ‘dobre’ os clichês, pois os pensamentos em vários momentos se voltam para aquilo que já está pronto. Em determinados momentos defendemos aquilo que ainda não conhecemos, mas que já fizemos a leitura, que já temos algo a dizer.

O movimento seguiu por pensar e olhar para os clichês de fora, com olhar aberto, sem julgamentos. Esse processo de limpeza que fizemos aqui em forma de cartografia deixou com que a pesquisa construísse um caminho para ser iniciada. Agora sim, iniciaremos um trabalho de ouvir, de sentir, de compor com retalhos para além do que está dito. Leva-se muito tempo para começar uma pesquisa.

Faremos o nosso começo! Até o momento buscamos um transbordamento de discursos, falas e ecos para partir para uma limpeza, uma troca, um entendimento do tema que desejamos trabalhar, mas agora é hora de ir além. Vamos buscar começar nossa pesquisa com o nosso começo, com nossas reflexões, nossos pensamentos.

O processo de busca de limpeza, de aceitação, de tirar clichês não apenas nos movimentou como nos possibilitou estar em movimento. Seguimos, com nosso começo, nosso momento, o começo possível.

Referências

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Pista 7: Cartografia é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon – Lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina B. Pista 4: Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA,

Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MICHAELIS: **Dicionário escolar de língua português**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

RONILK, Sueli. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**: Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.